Artículo recibido: julio 6 de 2023
Artículo aprobado: julio 31 de 2023

Versión preliminar

Anekumene

Revista virtual de Geografía, cultura y educación

SECCIÓN: Educación y espacio
Número 26 /ISSN: 2248-5376

A cartografia social como possibilidade de representação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO

La cartografía social como posibilidad de representar el espacio de vida de los sujetos: un análisis desde la ciudad de Goiânia-GO

Social cartography as a possibility of representing the living space of subjects: an analysis from the city of Goiânia-GO

Gabriel Martins Cavallini *

Ana Paula Feitosa Cesar *

Resumo

O presente texto busca fomentar uma discussão acerca da Cartografia enquanto um instrumento que pode avançar para além da mera representação espacial dos fenômenos. Propõe-se, portanto, a discussão da Cartografia Social como uma forma de representar as vivências e as concepções dos sujeitos sobre o espaço. Como recorte espacial, estabelece-se a cidade de Goiânia, mais especificamente o centro da capital de Goiás. A partir de uma atividade de campo realizada pelo centro da cidade, os autores elaboraram dois mapas mentais, cada qual com um enfoque. Por meio desses dois mapeamentos, pode-se observar como a subjetividade dos sujeitos interfere e direciona as espacializações dos locais visitados. Nesse sentido, conclui-se que a depender das perguntas geográficas feitas e das problematizações desenvolvidas pelos sujeitos, o entendimento de um mesmo espaço pode ser distinto, pois isso está atrelado a dimensões que avançam para além do espaço absoluto e relativo, alcançando a esfera do espaço relacional. É nessa esfera, que o sujeito se compreende enquanto resultado do espaço em que vive, mas também como produtor e transformador de seu espaço cotidiano.

Palavras-chave: cartografia social, espaço urbano, mapas mentais, Goiânia.

* Universidade Federal de Goiás (UFG)

* Universidade Federal de Goiás (UFG)

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37
A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO
Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar
Anekumene

Resumen

Este texto busca incentivar una discusión sobre la cartografía como un instrumento que puede ir más allá de la mera representación espacial de los fenómenos. Por lo tanto, se propone discutir la cartografía social como una forma de representar las experiencias y concepciones de los sujetos sobre el espacio. Como contorno espacial se establece la ciudad de Goiânia, más específicamente el centro de la capital de Goiás. A partir de una actividad de campo realizada en el centro de la ciudad, los autores crearon dos mapas mentales, cada uno con un enfoque. A través de estos dos mapeos, es posible observar cómo la subjetividad de los sujetos interfiere y orienta la espacialización de los lugares visitados. En este sentido, se concluye que, dependiendo de las cuestiones geográficas planteadas y las problematizaciones desarrolladas por los sujetos, la comprensión de un mismo espacio puede ser diferente, ya que este se vincula con dimensiones que avanzan más allá del espacio absoluto y relativo, alcanzando la esfera. del espacio relacional. Es en este ámbito donde el sujeto se entiende a sí mismo como resultado del espacio en el que vive, pero también como productor y transformador de su espacio cotidiano.

Palabras clave: cartografía social, espacio urbano, mapas mentales, Goiânia.

Abstract

This text seeks to encourage a discussion about Cartography as an instrument that can go beyond the mere spatial representation of phenomena. Therefore, it is proposed to discuss Social Cartography as a way of representing the subjects' experiences and conceptions about space. As a spatial outline, the city of Goiânia is established, more specifically the center of the capital of Goiás. Based on a field activity carried out in the city center, the authors created two mental maps, each with a focus. Through these two mappings, it is possible to observe how the subjectivity of the subjects interferes and directs the spatialization of the places visited. In this sense, it is concluded that depending on the geographical questions asked and the problematizations developed by the subjects, the understanding of the same space can be different, as this is linked to dimensions that advance beyond the absolute and relative space, reaching the sphere of relational space. It is in this sphere that the subject understands himself as a result of the space in which he lives, but also as a producer and transformer of his daily space.

Keywords: social cartography, urban space, mental maps, Goiânia.

Ane ku mene

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO

Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar

Introdução

As discussões presentes neste texto estão atreladas à necessidade de debate acerca de como os indivíduos, que vivem em sociedades majoritariamente urbanas, se compreendem enquanto sujeitos que compõem essa dinâmica espacial. Entendemos que um modo muito eficaz para que esses sujeitos se compreendam como parte da cidade em que vivem, e sintam-se integrante dela, se dá por meio do exercício da representação.

Representar-se ou ver-se representado no espaço em que está inserido pode levar o indivíduo a tecer análises complexas acerca de sua realidade, compreendendo-a e podendo transformá-la. Por isso, esta discussão irá permear duas instâncias, sendo elas: i) A necessidade dos seres humanos, desde os tempos primitivos até os dias atuais, de produzirem representações de si e do espaço conhecido; e ii) A importância da elaboração de representações do espaço vivido pelo próprio sujeito por meio da Cartografia Social (CS). A exemplificação e o embasamento para as problematizações apresentadas se dará por meio de dois mapeamentos realizados pelos autores, que foram elaborados a partir de uma atividade de campo realizada no centro da cidade de Goiânia-GO em 2020. Será possível observar como dois sujeitos, que participaram da mesma atividade, no mesmo dia, horário e contexto, produziram diferentes interpretações daquele espaço.

Antes de adentrarmos nessa discussão, é preciso estabelecer um diálogo importante entre o conceito de espaço urbano, os sujeitos que são produtos e produtores desta espacialidade e a Cartografia Social. Inicialmente, a história da humanidade apresenta, muito claramente, que sempre houve uma necessidade por parte dos sujeitos de se representar no mundo ou de representar o espaço em que vivem. Essa afirmação se embasa em inúmeros achados arqueológicos, que permitem ter a dimensão de diversos costumes, equipamentos de caça, utensílios e, até mesmo, a forma de organização social dos indivíduos que habitaram o planeta Terra a milhões de anos.

Ao pautar essa questão a partir do território brasileiro, podemos constatar a existência de inúmeros vestígios de atividade humana em sítios arqueológicos, bem como representações primitivas dos sujeitos que habitavam diferentes regiões do Brasil. Observe as figuras 1 e 2, que retratam esse contexto.

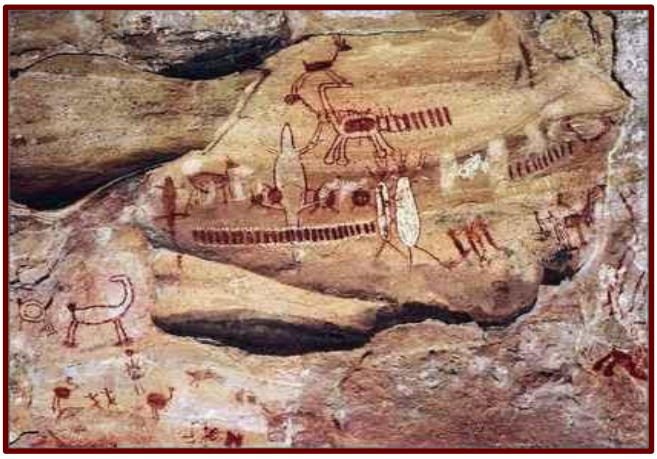

Figura 1. Pintura rupestre na Serra da Capivara – Piauí

Fonte: folha de São Paulo (2022).

Figura 2. Pintura rupestre em Montes Claros – Goiás

Fonte: Metrópoles (2022).

Essa afirmação só é possível tendo em vista o costume dessas sociedades primitivas de gravar na rocha parte de seu dia a dia, seu cotidiano. As pinturas rupestres são um indicativo de que os sujeitos primitivos perceberam a necessidade de se representar e representar seus territórios, seus hábitos e costumes. Segundo Lima e Alvares:

> Ao produzir pinturas rupestres, o homem pré-histórico desenhava figuras que retratavam práticas do seu cotidiano. Ao trazer à análise esses artefatos arqueológicos, pode-se deduzir sobre o ambiente, a realidade, os detalhes da cultura e do modo de vida

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37
A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO
Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar
Ane ku mene

> daqueles povos. A pintura, nesse caso, foi um elemento usado para a representação da realidade. (Lima e Alvares, 2012, p. 21).

Essas representações pré-históricas possibilitam, também na perspectiva da Geografia e da Cartografia, compreender que o ato do indivíduo em se representar, de mapear seu espaço cotidiano, está atrelado a caracterização de como o sujeito percebe aquele espaço, como ele vive nele e como ele o concebe. Nessa perspectiva, indica-se o caminho a ser percorrido nesta construção teórica.

Desde as civilizações pré-históricas até os dias atuais, os sujeitos buscam formas de se representar e espacializar o espaço em que viviam. Esse fato demonstra que a produção cartográfica se afirmou enquanto um importante instrumento de representação social. Atualmente, são reconhecidas inúmeras representações cartográficas produzidas em diferentes partes do mundo, seja na Ásia, no Oriente Médio, na África, nas Américas ou na Oceania. Além da singular contribuição desses povos na elaboração de distintas técnicas de representação do espaço (Brotton, 2014).

Essa atividade que busca representar o espaço tridimensional em um plano bidimensional, gera um produto comumente chamado de mapa. Segundo Harley (1991) o mapa consiste em um tipo de "representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano" (1991, p. 7). Essa definição ampla de mapa tem como objetivo fomentar uma universalização desse instrumento e sua utilização enquanto uma linguagem potente para o estudo das situações geográficas e dos conteúdos escolares. E, especialmente no sentido proposto nessa discussão, a compreensão pelos sujeitos de seu espaço cotidiano.

Os mapas sempre foram um instrumento de poder e, em algumas dimensões, da representação do "eu", tratando-se de uma perspectiva egocêntrica do mundo. Essa singularidade pode ser observada até nos dias atuais, tendo em vista que ainda buscamos a localização desse "eu" no mundo em que estamos inseridos (Brotton, 2014). Na perspectiva da Cartografia, existem diferentes maneiras de mapear. Entretanto, por muitos anos se considerou que verdadeiras representações cartográficas eram aquelas que obedeciam a uma série de regras e convenções, vinculada especialmente ao modo eurocêntrico de cartografar.

A história do desenvolvimento da cartografia é atravessada pela constituição da própria Geografia, pois, em determinados contextos, as representações passaram a ser mobilizadas enquanto linguagem potente para espacializar relações em que a métrica não se apresentava enquanto elemento basilar. Assim, a discussão aqui desenvolvida busca evidenciar como as representações elaboradas a partir da cartografia social, permitem ao sujeito se entender enquanto ser social, inserido em uma comunidade e que detém a capacidade de perceber o espaço e, também, transformá-lo por meio de suas ações.

Para isso, é necessário ressaltar características fundamentais da Cartografia Social. Assim como aponta Gomes (2017):

> A Cartografia Social não equivale a uma técnica de representação em si, mas como um processo [...] um instrumento de produção de conhecimento e mobilização [...] uma metodologia participativa para o engajamento político e social de comunidades tradicionais e grupos sociais fragilizados social e economicamente. Tendo em vista que o nosso enfoque é a representação das diferentes perspectivas dos sujeitos sobre o centro de Goiânia, a escolha da Cartografia Social é a que mais cristaliza essa intenção. Esse modo de cartografar não se restringe apenas a localizar e distribuir os elementos do espaço, mas expressa a teia de relações conflituosas do território. (Gomes, 2017, p. 98-99).

Essa perspectiva que valoriza a significação em detrimento a forma está relacionada às raízes da Cartografia Social, que aliadas a Organizações Não-Governamentais (ONGs) e movimentos sociais, posiciona-se a favor do direito ao território de grupos minoritários e seu modo de ver e agir sob o espaço. Contudo, essa técnica de mapeamento não atende apenas aos propósitos de luta social, sendo muitas vezes mobilizada para fins comerciais, como a elaboração de croquis que valorizam áreas urbanas e tencionam a lógica espacial a partir de distorções e/ou supressões para atrair compradores.

Porém, nosso objetivo neste texto é outro. Para além de representar o centro de Goiânia e seus elementos, por meio dos mapas mentais, pretendemos evidenciar as contradições inerentes a esse espaço e as sensações que determinados locais causam nos diferentes sujeitos. A proposta dos mapas mentais é dar visibilidade a questões geográficas, históricas e sociais que permeiam locais que são simbólicos e outros

Anekumene

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO

Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar

invisibilizados do centro da cidade. Cabe ressaltar que esta é uma região de grande fluxo de pessoas e segundo Kozel (2005, p. 140) "cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e consequentemente uma visão particular dos lugares e territórios".

A escolha do mapa mental para espacializar as percepções do trabalho de campo realizado, vem da necessidade de recorrer a uma forma de representação que não se prenda aos rigores euclidianos, mas que privilegia elementos da vivência do mapeador, da sua interação com o espaço vivido e suas atividades cotidianas. Seemann (2003) chama esse processo de mapeamento funcional, pois representa a relação dos homens com os diferentes espaços, sem se preocupar com tamanho, distâncias ou proporção. Esse tipo de representação está atrelada às dimensões construídas subjetivamente pela sociedade, ao uso/ocupação dos espaços, os modos de locomoção e até mesmo o grau de pertencimento e familiaridade com o espaço mapeado.

Dessa forma, os mapas mentais estão alicerçados na forma como o sujeito compreende e enxerga o mundo em que vive, buscando representá-lo a sua maneira, não se preocupando com as técnicas e convenções cartográficas, evidenciando outra possibilidade de representação do espaço que tradicionalmente é mapeado a partir da perspectiva euclidiana. Para Richter (2011, p.126) "a ideia é tornarmos o mapa uma linguagem que contribua para a expressão e interpretação do cotidiano". Aliar esses dois elementos possibilita uma análise potente do espaço geográfico e o exercício da cidadania.

Nesse sentido, na perspectiva em que se concebe escola enquanto espaço pertinente para o desenvolvimento de olhar crítico acerca do espaço em que o sujeito está inserido, é importante que o estudante consiga a partir das aulas de geografia e do estudo dos conteúdos geográficos, analisar sua espacialidade cotidiana em diferentes perspectivas. Essa capacidade analítica se articula com as diferentes dimensões espaciais apresentadas por Harvey (2015): espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional. Ao olhar geograficamente para o espaço, o sujeito pode fazer perguntas que o permitam desenvolver um modo de ver diferente dos demais, formando assim seu próprio entendimento. Para Cavalcanti (2019):

> [...] há um ponto de vista geográfico, e que este se refere ao espaço, mas não como um ente objetivo, e sim como uma construção do sujeito que busca apreender esse real em sua movimentação dialética. [...] buscando enfatizar aspectos determinados desse real, na articulação de dimensões objetivas, sua localização (espaço absoluto e relativo) e a compreensão de seus significados (relacional). (Cavalcanti, 2019, p. 79).

Portanto, é por meio dessa articulação dialética entre as diferentes dimensões espaciais, mobilizadas por meio da utilização de conceitos, categorias, princípios e operações geográficos, que se constrói um modo de pensar geográfico (Cavalcanti, 2019). Dessa forma, sustenta-se nos mapeamentos elaborados pelos autores e nas análises desenvolvidas, a mobilização de conceitos urbanos, sociais, espaciais e geográficos, tendo em vista que é nesse espaço que grande parte da população brasileira reside (IBGE, 2011).

Tendo em vista esse espaço urbano como objeto das análises, faz-se necessário caracterizar o entendimento dos autores quanto ao que se compreende como à cidade e sua relação com os sujeitos. Primeiro, evidencia-se que os mapas mais antigos catalogados (Çatal Höyük e Mapa Babilônico do Mundo) representam, a princípio, partes de antigas cidades. Mesmo que em escalas diferentes, isso ocorre devido à concentração das práticas sociais cotidianas em aglomerados desde aquela época. Por isso, a discussão realizada no decorrer do texto será embasada na percepção do sujeito sobre a cidade. Segundo Lynch:

> A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado, está sempre se modificando nos detalhes. (Lynch, 1997, p. 2).

A cidade é objeto de ação e transformação da população que nela habita. Do ponto de vista espacial, pode ser que um determinado local na cidade não seja alterado fisicamente pelos sujeitos. Contudo, a percepção da população, de parte dela ou do indivíduo, quanto aquele lugar ou os símbolos ali dispostos pode sofrer mudança ao longo das horas, dos dias ou dos anos com a sucessão de arranjos socioespaciais.

Busca-se argumentar, nesse sentido, que é importante que esses sujeitos urbanos consigam desenvolver um modo

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

geográfico de pensar acerca de sua realidade, possibilitando a construção de um entendimento próprio de seu espaço cotidiano, das relações nele estabelecidas e o seu potencial de transformação. Trata-se de um movimento dialético, no sentido de que o sujeito urbano é moldado pelas estruturas espaciais, sejam elas sociais ou de infraestrutura, mas também é agente produtor e transformador desse espaço e dessas estruturas.

A partir disso, serão apresentados nos tópicos a seguir dois mapas mentais, que foram elaborados pelos autores, que são sujeitos urbanos e tem como espaço de vivência a cidade de Goiânia, no estado de Goiás. Esses mapas foram elaborados após a realização de uma aula de campo pelo centro da capital goiana, onde os sujeitos tiveram contato ao mesmo tempo,com o espaço apresentado. Entretanto, esse fato não condicionou a produção de mapas idênticos pelos indivíduos, tampouco parecidos.

O direito à cidade a partir da ocupação de espaços públicos

A primeira representação cartográfica foi elaborada com o intuito de realizar um mapeamento que permitisse uma discussão sobre o direito à cidade no que se refere à ocupação de espaços públicos da cidade, bem como a segurança em transitar por esses espaços. Este último elemento está relacionado principalmente a violência e a sensação de insegurança que aflige mulheres de todas as idades. Estes elementos se potencializam quando as mesmas se encontram em contextos de vulnerabilidade, como lugares onde há pouca movimentação.

O trajeto do trabalho de campo foi basilar para a elaboração dos dois mapas mentais apresentados e abarca boa parte do centro planejado da cidade de Goiânia, que possui inúmeros equipamentos urbanos, prédios históricos e atividades econômicas, culturais e sociais. No decorrer da atividade, foi solicitado que elencássemos os pontos, elementos, percepções e situações que mais chamaram atenção para que, posteriormente, fossem elaboradas as representações. Observe na Figura 3 o percurso do trabalho de campo.

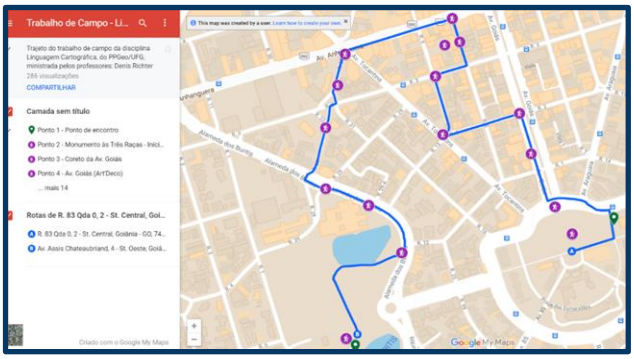

Figura 3. Trajeto do trabalho de Campo via Google Maps

Fonte: elaborado pela autora, Cesar (2022).

Ao longo do percurso, o olhar da autora para a cidade foi direcionado a identificar seus elementos visíveis, invisíveis e como cartografá-los. Durante a visita técnica, planejamento e elaboração do mapa, as concepções críticas da cartografia foram norteadoras, de forma a buscar uma representação espacial que fosse capaz de auxiliar, também, na transformação do mundo real. Segundo Batista (2020):

> Um dos principais passos é entender a cartografia como linguagem respaldada em fundamentos marxianos. É adotar como referência a noção de que os homens e as mulheres não se tornam humanos pela razão, mas pela relação que estabelecem com a natureza a partir do trabalho, modificando a si próprio, produzindo condições de sua própria existência para além das condições objetivas da primeira natureza e, assim, modificando também a relação com outros homens e mulheres. (Batista, 2020, p. 234).

Dentre os elementos observados durante a realização da atividade de campo, está a maneira como as sociedades organizam seus espaços, sem desprezar as diversas formas de representação desses processos humanos (Granha, Silva, Rio, 2016). A partir disso, entendemos que esse mapa deveria representar a relaçã0 que os homens e mulheres estabelecem com a natureza a partir do trabalho, ou seja, como a cidade é organizada a partir do modo de produção capitalista e como isso altera o direito à cidade, considerando que ele é diferente para cada indivíduo. Considerando o objetivo final do mapeamento, optou-se pela elaboração de mapas mentais, conforme pode ser observado na figura 04.

Ane ku mene

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

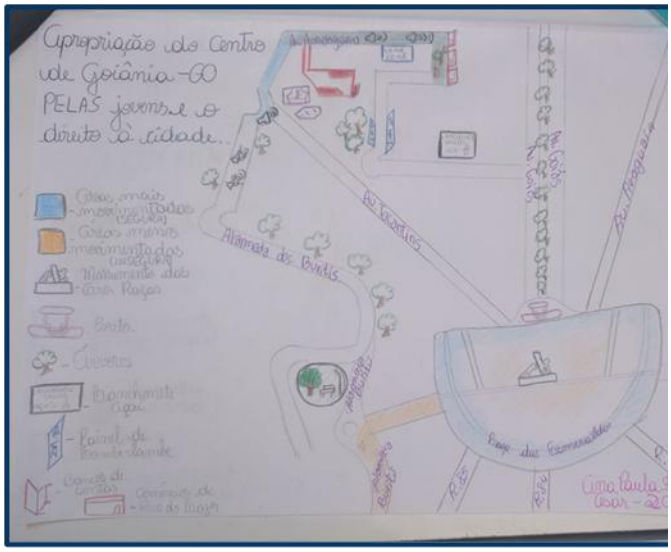

Figura 4. Mapa mental – Apropriação do centro de Goiânia-GO do ponto de vista de uma mulher

Fonte: Cesar (2020).

Figura 5. Legenda do Mapa Mental

Fonte: Cesar (2020).

Diferente dos mapas euclidianos, no mapa mental a escala pode ser alterada para privilegiar determinados espaços, bem como a utilização de símbolos e outras formas de representação que melhor se assemelham à vivência do mapeador. O mapa mental da figura 4 foi elaborado utilizando símbolos cuja forma fosse semelhante aos locais públicos ou acessíveis.

O uso dos símbolos especificamente sobre os locais públicos e acessíveis, tem a ver com a perspectiva histórico-cultural, na qual a formação dos conceitos se dá com o auxílio de sua relação com o mundo, que é mediada por meio dos signos, (no caso a linguagem, não somente a verbal) em um movimento que parte do interpsíquico, para o intrapsíquico (Cavalcanti, 2005). A intenção é contribuir com a compreensão de conceitos sobre a cidade, utilizando mapas mentais que espacializam lugares que podem acrescentar na formação cidadã.

A exemplo de conceitos potentes para essa atividade, podemos citar os "espaços valorizados, agentes de produção do espaço, direito à cidade, culturas urbanas, etc." (Cavalcanti, 2013). Assim, valorizam-se os espaços públicos e acessíveis para entender que exercer cidadania vai além do poder de consumo do cidadão, mas na relação que se estabelece no espaço que é ordenado pelo sistema capitalista. Portanto, esse foi o critério para a escolha dos espaços que foram inseridos no mapa por meio de símbolos.

Nesse sentido, os monumentos e os espaços públicos e acessíveis representados no mapa têm características em comum, que são: i) A representatividade das minorias étnicas; e ii) Espaço de lazer para os estudantes e trabalhadores goianos. O monumento das três raças "foi criado em 1968 pela artista plástica Neusa Moraes. [...] Simboliza a miscigenação de três raças – negro, branco e índio, que houve e há na formação das características genéticas e culturais do povo goiano." Sendo assim, um importante símbolo da composição étnica da cidade. Veja o monumento na figura 6.

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37
A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO
Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar
Ane ku mene

Figura 6: Monumento das Três Raças – Goiânia-GO

Fonte: Cesar (2020).

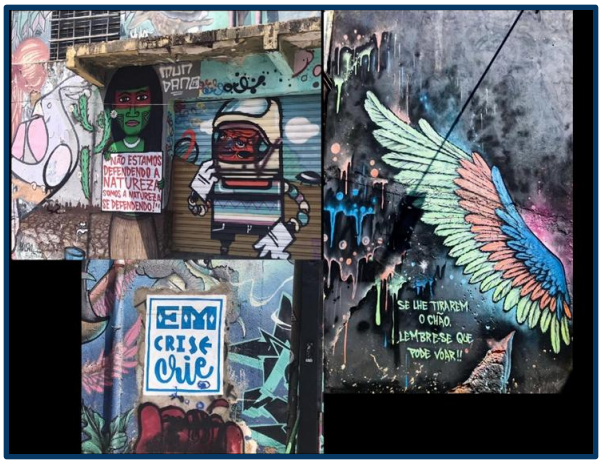

Figura 7: Grafites do Beco da Codorna – Goiânia-GO.

Fonte: Cordeiro (2020).

Outro espaço público simbólico para a mediação dos conceitos de produção do espaço e culturas urbanas é o Beco da Codorna (Figura 7). "A ocupação da Viela Miguel Rassi, localizada à altura do nº 5.331 da Avenida Anhanguera, Setor Central de Goiânia/GO, considerada o 'beco' mais extenso de toda a capital" (Ferreira, 2019, p. 82). Representando um dos principais espaços destinados ao grafite em Goiânia, é também o centro das atenções dos artistas visuais e demais apoiadores da arte urbana. As paredes repletas de mensagens podem contribuir com a perspectiva crítica que evidencia como o capitalismo altera as relações socioespaciais, bem como outras diversas interpretações.

A primeira imagem que compõe a Figura 7 exemplifica isso ao ilustrar uma indígena que diz: "Não estamos defendendo a natureza, somos a natureza se defendendo". Se é por meio das matérias-primas presentes na natureza que se tem a produção em larga escala, e que alimenta o atual modo de produção, fica claro a importância do discurso em defesa da natureza. Além desta, existem várias outras ilustrações com diversas mensagens de pertencimento, luta e resistência, que podem ter significado para os jovens visitantes do beco.

A Vila Cultural Cora Coralina (Figura 8) também consta como parte do roteiro nessa busca por locais culturais e passíveis de mediação sobre a possibilidade de exercer cidadania ao consumir os espaços públicos da cidade.

> A Vila Cultural Cora Coralina também se denomina como uma área de convivência [...] A unidade foi projetada para ressaltar a imponência da arquitetura do tradicional teatro, e se insere na ação do governo estadual para revitalizar o Centro de Goiânia e resgatar a memória da capital. [...] Eventos diários compõem a programação da unidade, como exposições de arte e fotografias, workshop, exibição de vídeo, oficinas, mostras de filmes promovidas por cineclubes, lançamentos de livros, palestras, feiras de artesanato e economia criativa, fórum e festivais. (Seduc, 2015).

Dessa forma, a possibilidade de ter acesso gratuito a diversas exposições de arte e afins, contribui para a composição do repertório cultural dos sujeitos, e consequentemente para novos olhares sobre a cidade.

Ane ku mene

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO

Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar

Figura 8. Vila Cultural Cora Coralina – Goiânia-GO

Fonte: Cesar (2020).

Dispondo do mapa mental, é possível localizar onde estão os principais espaços públicos (a exemplo do Monumento das Três Raças no centro da Praça Cívica) e os padrões de distribuição (Concentração de barulho, pessoas e comércios nas principais avenidas, como a Avenida Anhanguera). Pode-se desenvolver a atividade de correlação ao utilizar um mapa euclidiano e compará-lo com o mapa mental, de forma a ressaltar as potencialidades na representação dos sentidos e imaginários que o mapa mental proporciona.

A exemplo da representação dos espaços seguros (destacados na cor azul) e inseguros (na cor laranja) para mulheres, considerando a movimentação da rua e a menor possibilidade de casos de assalto/assédio/importunação devido à movimentação. O objetivo em especificar o assédio direcionado a mulheres, está relacionado a vivência da autora do mapa, que buscou representar detalhes que são possíveis de espacializar em mapas mentais. (Seemann, 2003). Nesse sentido, a correlação também permite identificar o discurso ideológico presente na representação espacial, na qual as concepções do mapeador são transpostas na elaboração de um mapa (Harley, 2009). Por isso a importância de ser um leitor crítico, como também um mapeador consciente (Simielli, 1999).

O centro de Goiânia a partir de uma perspectiva geográfica, histórica e social.

O segundo mapeamento a ser problematizado foi pensado pelo autor a partir de uma perspectiva que avançasse para além da mera representação espacial do centro da cidade de Goiânia-GO. Buscou-se compreender o espaço urbano do centro da capital goiana por meio de um olhar dialético, que exemplifica o contraditório, que dá relevância a espaços e vozes de resistência. Além disso, o mapa elaborado pelo autor se baseou em outra representação cartográfica.

O mapa intitulado "O melhor de Vitória" é uma peça de cunho publicitário, que foi distribuída a fim de atender os turistas que visitassem a capital capixaba (Vitória-ES). Foi pensado por uma empresa de design e financiado pelo setor privado e órgãos públicos da cidade de Vitória - ES (Girardi, 2014). O objetivo do mapa citado foi de localizar e orientar o leitor sobre os serviços e pontos turísticos da cidade, funcionando como uma espécie de guia.

Sendo assim, seguindo uma proposta parecida, o autor do mapa "O pior de Goiânia" que será apresentado nessa seção, elaborou uma representação cartográfica com o intuito de guiar os visitantes, que porventura visitem a cidade de Goiânia-GO, em um tour pelo seu centro. Nessa representação (figura 9) foram destacados 6 (seis) pontos: Monumento das Três Raças; Prédio do Orgulho; Prédio Abandonado; Beco do Teatro; Estátua do Bandeirante; Beco da Codorna.

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

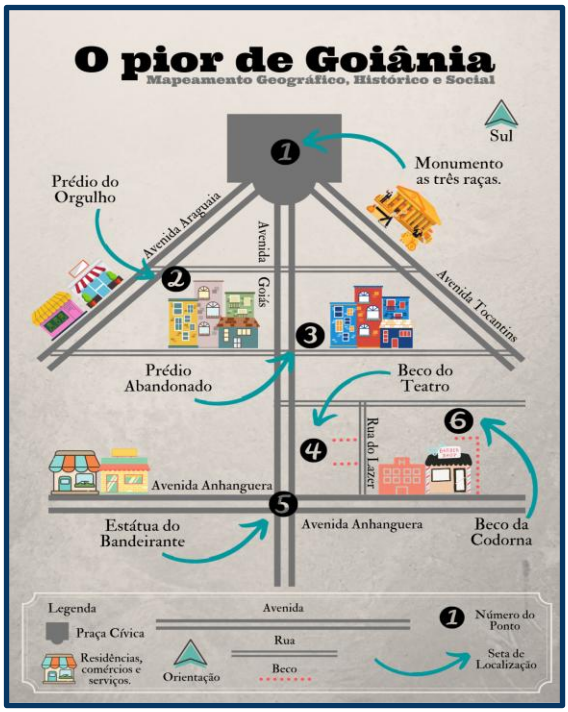

Figura 9. Mapa "O pior de Goiânia: mapeamento geográfico, histórico e social"

Fonte: Cavallini (2022).

A intenção de mapear tais pontos (Figura 9) e, posteriormente, tecer considerações e ponderações a seu respeito (Figura 10), está atrelado ao entendimento de que as representações cartográficas, entre outras funções, podem ser utilizadas como um material informativo (Seemann, 2003). Para Seemann (2003, p. 50) "essa concepção da cartografia enfatiza menos o radical carto (isto é, mapa no sentido técnico e 'oficial', do termo) e mais o radical grafia (mapeamento e uso de uma linguagem gráfica)." Estabelece-se a possibilidade de o autor elaborar tal representação na perspectiva de evidenciar uma lógica social, elucidando os novos modelos de organização social e as espacialidades dos sujeitos urbanos, considerando a construção de cartografias sociais acerca do espaço cotidiano. Observe a figura 10.

Figura 10. Legenda do mapa "O pior de Goiânia: mapeamento geográfico, histórico e social"

Fonte: Cavallini (2022).

É nessa perspectiva que se almeja problematizar a disposição de alguns aparatos governamentais, aéreas de abandono público e privado, bem como espaços de manifestações coletivas da cidade de Goiânia, mas principalmente de seu centro, que é planejado e também espaço de vivência e passagem de milhares de pessoas todos os dias. As perguntas geográficas elementares nesse exercício de análise vão no sentido de compreender o centro de Goiânia: Por quê? Para quê? Para quem?

No ponto 1 do mapa (Figura 9) está localizado o "Monumento à Goiânia"ou como é mais conhecido pelos goianos, o "Monumento das três raças". Este elemento artístico é um destaque na paisagem, pois está localizado no centro da Praça Pedro Ludovico Teixeira (Praça Cívica), que abarca o palácio do Governo, o centro administrativo do estado, museus e outros monumentos. Esse aparato artístico foi elaborado pela artista goiana Neuza Rodrigues Moraes, e representa as três etnias distintas que formaram o povo goiano: o europeu, o indígena e o africano.

De forma oficial, ele tem o intuito de representar a unidade de um povo, uma coesão e uma igualdade social. Em outros termos, este monumento pode ser pensado como símbolo da chamada Democracia Racial. Segundo Guimarães (2019) este termo foi cunhado inicialmente nos Estados Unidos da América com o objetivo de exemplificar a sociedade

Ane ku mene

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO

Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar

brasileira e da América Latina, além de ser apresentado como a solução para o racismo norte-americano. Entretanto, o termo é uma falácia, vide os altos índices de violência racial no Brasil e, especialmente, na cidade de Goiânia-GO.

Segundo reportagem veiculada no jornal O Popular (Carneiro, 2023), a cada 31 horas uma denúncia de racismo é feita ao Grupo Especializado no Atendimento às Vítimas de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (GEACRI), na região metropolitana de Goiânia-GO. Cabe ressaltar, também, a invisibilização da representação feminina, retratando uma ideia misógina e patriarcal do gênero feminino, compreendido com inferioridade perante a expressão de força dos indivíduos retratados como construtores da cidade.

Já o ponto 2 (Figura 9) que foi denominado como Prédio do Orgulho, trata-se de um edifício em formato circular que está em construção há décadas em uma das principais avenidas da cidade. Como salientado anteriormente, o centro de Goiânia é palco para diversas manifestações sociais, uma delas é a parada do orgulho LGBTQIAP+. Esse ato, em uma de suas edições, promoveu uma intervenção nesse prédio, que está localizado na avenida Araguaia, onde iluminaram os andares com as cores do arco-íris, tradicionalmente associadas ao movimento LGBTQIAP+.

A representação do ponto 2 (Figura 9) é mais do que a espacialização de um prédio em construção. Ali foi representada uma questão que é histórica e social. Pois, assim como aponta a reportagem de Marcelo Gouveia (2018) o estado de Goiás ficou em segundo lugar no ranking brasileiro em 2018 com o maior número de denúncias de violência contra a comunidade LGBTQIAP+. Mais uma vez, tem-se a percepção de como os lugares possuem diferentes significados para os indivíduos. Muitos podem passar pelo local e visualizá-lo apenas e, tão somente, como um imóvel inacabado, outros podem compreendê-lo como um insucesso de alguém ou alguma empresa. Mas para outros, pode ser um retrato de mais um dia de luta na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e menos preconceituosa.

No início deste texto foi salientado o papel que os mapas desempenham perante uma sociedade que é egocêntrica, que está sempre em busca do "eu" no mundo. Ao dar voz e representatividade a grupos sociais que são muitas vezes marginalizados pela sociedade, a cartografia social permite que tais grupos sejam identificados enquanto integrantes daquele espaço, deixando de ser invisíveis. Segundo Seemann (2003) a:

> "Cartografia da Realidade" não representa uma mera forma de comunicação não-verbal, um ato individual irracional ou passatempo mental, mas exerce um papel fundamental na formação de cidadãos e leitores críticos do espaço e das suas representações, levando-se em conta, como afirma Passini (1994), que essas leituras permitem "aprender os problemas do espaço e ao mesmo tempo conseguir pensar transformações possíveis naquele espaço". (p. 58).

Quando um problema social, como é o caso do preconceito devido à orientação sexual e de gênero de um indivíduo, pode ser mapeado, ele assume uma outra dimensão no sentido representacional. A invisibilidade espacial pode ser percebida em outras perspectivas, como é o caso do ponto 3 (figura 9). Nomeado como Prédio Abandonado, ele retrata um grave problema social brasileiro e, por consequência, da sociedade goiana, que são os empreendimentos que não cumprem sua função social.

Localizado na avenida Goiás, ponto central da cidade de Goiânia, está há anos abandonado, o que o transformou em vitrine para manifestações, principalmente representadas em pichações que podem ser vistas por todo o prédio, nas partes mais altas. Já ao nível dos olhos, podem ser encontradas intervenções artísticas críticas, de cunho político e social. Essas intervenções são expostas a partir dos chamados lambe-lambe, que são gravuras, frases e/ou palavras de ordem, impressas e, posteriormente, coladas nas paredes, como é possível observar na figura 11.

Figura 11. Parede no centro de Goiânia-GO

Fonte: Acervo Lambes Brasil

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37
A cartografia social como possibilidade de re-presentação do espaço vivido dos sujeitos: uma análise a partir da cidade de Goiânia-GO
Gabriel Martins Cavallini / Ana Paula Feitosa Cesar
Ane ku mene

Esse tipo de intervenção artística é muito popular na cidade de Goiânia-GO, o que resultou na realização de um evento chamado de Festival Lambesgoia. Em sua edição no ano de 2019, o festival contou com a participação de mais de 70 artistas, de 8 estados brasileiros. A partir de discussões como essa, pode-se compreender como o espaço da cidade é construído, caracterizado e significado a todo momento. Para muitos, ao passar por esse local o sentimento pode ser de descuido, falta de zelo ou enfeiamento da cidade. Mas, para outros é mais um espaço de existência, de crítica social e expressão artística.

Esses espaços culturais e de representação artística se espalham pelo centro da capital dos goianos, mas nem sempre são acolhidos ou conhecidos pela população. O ponto 4 (Figura 9), intitulado de "Beco do Teatro", é uma das características do centro planejado da cidade de Goiânia. A região da atual Rua do Lazer, possui alguns becos, que originalmente eram acessos de carga e descarga dos estabelecimentos comerciais da região. Esses espaços tiveram suas funções modificadas ao passar por reformas e revitalizações, que foram promovidas pelo poder público. Apesar disso, são áreas pouco frequentadas pela população que circula pelas ruas próximas ou que residem nas redondezas. Presume-se que a carga histórica de abandono e a sensação de insegurança rondam o imaginário, além da falta de atividades culturais proposta pelo poder público nesses ambientes, sejam as causas desta situação.

Já o ponto 5 (Figura 9) muito bem localizado, no cruzamento mais famoso da capital goiana, entre as avenidas Goiás e Anhanguera, está situada a estátua de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera ou como é conhecido por parte da população o "Diabo Velho". Assim como o monumento às "Três Raças", a estátua do bandeirante é um símbolo elevado pelos poderes públicos, em homenagem ao bandeirante que desbravou o território goiano. Este indivíduo está presente não só fisicamente, mas também no imaginário das pessoas e nos hinos oficiais da cidade e do estado. Segundo Oliveira (2019):

> Os símbolos são um tipo especial de signos. Na definição da Enciclopédia Delta Larousse, os símbolos são "objetos físicos a que se dá significação moral fundada em relação natural". Nesse sentido, são símbolos: a bandeira; o hino nacional; a pomba com ramo de oliveira; a mulher cega segurando uma balança; as alianças do casal; entre muitos outros exemplos. (Oliveira, 2019).

O Anhanguera foi um dos mais importantes bandeirantes paulistas. Conhecido pela sua destreza e bravura, com as quais percorreu grande parte do território brasileiro, é lembrado também pela população como aquele que escravizava indígenas e estuprava mulheres. Ganhou seu apelido (Diabo Velho) na cidade de Goiás (antiga Vila Boa-GO), onde as margens do Rio Vermelho, para intimidar a população que resistia a seu domínio, ameaçava atear fogo ao rio. São símbolos como estes, que permeiam entre o real e o profano, o certo e o errado, a prova e o contraditório que são elevados no centro da capital goiana.

Diferindo dessa lembrança de medo, perseguição e domínio, o ponto 6 (Figura 9) demarcado como "Beco da Codorna", expressa a alegria e a arte da população goianiense e de artistas de todo o Brasil. Analisando-o geograficamente, representa as rugosidades desta cidade, pois, assim como o "Beco do Teatro" era um local esquecido e abandonado, pouco convidativo à entrada, como se fosse um espaço invisível, que nunca ali esteve. Passou a ser modificado e grafitado por iniciativa popular dos artistas de rua da capital goiana. Atualmente, é um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade. Tirar uma foto nas asas de anjo (que já não existem mais) grafitadas em uma de suas paredes tornou-se quase obrigatório para quem visitava o espaço e a cidade.

Ao nos encaminharmos para o final deste texto, podemos afirmar que "O pior de Goiânia" é um mapa. Uma representação social, para seres sociais. Uma visão dialética de perspectivas traçadas entre o belo e feio, o discurso oficial e o paralelo, a visão do estado e a do sujeito. São olhares e formas de representar o espaço, que desafiam as regras, as tradições, as convenções, mas que são tão necessárias quanto a técnica e as representações oficiais. Não se trata de elevar o "pior" de uma sociedade, mas sim de discutir a linha tênue existente entre esse mapa ser o "Pior" ou "Melhor" de Goiânia.

Considerações finais

As discussões propostas neste trabalho possibilitaram evidenciar como a Cartografia Social é um importante instrumento para a representação de diferentes espaços. Muitas vezes, essa forma de espacializar está atrelada aos movimentos

Ane ku mene

Número 26 /ISSN: 2248-5376 / pp. 24-37

sociais e às minorias. Entretanto, esse modo de mapear permite aos sujeitos se compreenderem enquanto parte integrante e resultado do espaço que habitam e, também, produtores desse espaço, em uma perspectiva dialética.

Evidencia-se, também, como o desenvolvimento dessas atividades pode permear o contexto escolar, pautadas a partir da realização de atividades de campo e mapeamentos que levem os alunos a produzir um novo olhar acerca de sua cidade, seu bairro ou dos arredores da escola. Com isso, abre-se a possibilidade de trazer para o debate escolar diferentes aspectos de um mesmo espaço, que tocam mais ou menos os indivíduos envolvidos.

Nos dois mapas apresentados, são espacializados, por vezes, os mesmos espaços, entretanto, os olhares são nitidamente distintos. Isso revela como as perguntas feitas acerca do que se observa são importantes, gerando produtos e entendimentos que perpassam pelo modo como o indivíduo se relaciona com o espaço estudado. E, ao mapear esses espaços, evidencia-se aqueles aspectos que são mais importantes para o sujeito mapeador, assim como aqueles espaços por ele invisibilizados.

De fato, as concepções de espaço de Harvey (2015), os entendimentos de Cavalcanti (2019) quanto a escola como local propício para o desenvolvimento de um modo de pensar geográfico e a potencialidade da Cartografia Social como forma de materializar as sínteses produzidas a partir das perguntas geográficas. Demonstram, a partir de sua articulação, como os sujeitos podem interpretar seus locais de vivência e produzir sínteses.

Referencias

Batista, S. C. (2020). Desafios ao ensino de cartografia na formação da geógrafa e do geógrafo do século XXI. Revista geografar, 15(1), 220. https://doi.org/10.5380/geografar.v15i1.74286

Brotton, J. (2014). Uma história do mundo em doze mapas. Rio de Janeiro, Zahar.

de Souza Cavalcanti, L. (2019). Pensar pela Geografia: ensino e relevância social. C&A Alfa Comunicação.

Carneiro, M. (2023, 23 de maio). Grande Goiânia tem um caso de racismo a cada 31 horas. Jornal O Popular, 2023. https://opopular.com.br/cidades/grande-goiania-tem-um-caso-de-racismo-a-cada-31-horas-1.3031339.

Ferreira, F. L. (2019). Da Codorna ao Bacião: a construção do grafite em Goiânia/GO (2008-2018). 121 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Girardi, G. (2014). Modos de ler mapas e suas políticas espaciais. Espaço e Cultura, 0 (36). https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2014.19960

Granha, G. S. P., Silva, L. F. C. F., & Rio, G. A. P. (2015). A relevância dos mapas nas diferentes correntes da Geografia. Em C. dos Santos (Ed.), Cartografia geográfica e representação gráfica (pp. 09–23). Agbook.

Gomes, M. de F. V. B. (2017). CARTOGRAFIA SOCIAL E GEOGRAFIA ESCOLAR: aproximações e possibilidades. Revista Brasileira de Educação em Geografia, 7(13), 97–110. https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.488

Gouveia, M. (2018, 27 de setembro). Goiás é o segundo Estado com maior índice de denúncias de violência contra LGBT em 2018. Jornal Opção. Goiás é o segundo Estado com maior índice de denúncias de violência contra LGBT em 2018 - Jornal Opção (jornalopcao.com.br)

Guimarães, A. S. A. (2019). A democracia racial revisitada. Afro-Ásia.

Harley, B. (2009). Mapas, saber e poder: In Peter Gould e Antoine Bailly, « Le pouvoir des cartes et la cartographie », Paris, Antropos, 1995, p. 19-51. Traduzido por Mônica Balestrin Nunes. Confins, 5(5). https://doi.org/10.4000/confins.5724

Harley, B. (1991). A nova história da cartografia. O correio da Unesco, 19(8), 4–9.

IBGE. (2011). Base de Informações do Censo Demográfico 2010: resultados do Universo por setor censitário. Rio de Janeiro: MPOG.

Kozel, S. (2005). Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. Em J. Seemann (Ed.), A aventura cartográfica: perspectivas,

pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana (pp. 131–149). Expressão Gráfica e Editora.

Lima, J. L. O., Alvares, L. (2012). Organização e representação da informação e do conhecimento. Em Organização da informação e do conhecimento (pp. 21–48). B4 Editores.

Lynch, K. (1997). A imagem da cidade. Martins Fontes.

Richter, D. (2011). O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente. Cultura Acadêmica.

Seemann, Jorn. (2003). Mapas, mapeamentos e a Cartografia da realidade. Revista Geografares, 4, 49–60.

GOIÁS. (2020). Secretaria de Estado da Educação. Vila Cultural Cora Coralina. https://site.educacao.go.gov.br/vila-cultural-cora-coralina/

Simielli, M. E. R. (1999). A cartografia no ensino fundamental e médio a geografia na sala de aula. Em A. F. A. Carlos (Ed.), A Geografia na Sala de Aula (pp. 92–108). Contexto.